

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR  
TIFFANY ROBERTS



THE VRIX

# THE WEAVER

# SINOPSE

Desde o momento em que a viu pela primeira vez, ele soube que os fios do coração deles estavam entrelaçados.

Rekosh tinha pouco interesse em ter uma companheira - pelo menos não até conhecer Ahmya. Pequena, delicada e humana, ela é tão diferente da sua espécie. Ela é uma flor vibrante que floresce em meio a trepadeiras sufocantes. E ele reconhece nela uma determinação profunda e indomável, uma curiosidade inspiradora e uma paixão ardente. Ela desperta nele instintos protetores ferozes e desperta um desejo como ele nunca experimentou. Ele não quer nada mais do que declarar seus sentimentos por ela.

No entanto, a cada respiração surge um novo obstáculo, um novo perigo, ameaçando afastar Ahmya dele para sempre. Enquanto são forçados a lutar pela sobrevivência em uma selva hostil, parece que os próprios deuses estão determinados a mantê-los separados.

Então Rekosh irá tecer seu próprio destino.

Ahmya é a companheira dos corações dele, e ela será dele, não importa o que ele precise fazer para conquistar sua afeição. Ele a reivindicará, a protegerá, a amará e entrelaçará suas almas tão profundamente que jamais serão separadas.

*Mesmo que o mundo se desfaça ao nosso redor, permaneceremos sempre unidos.*

*Aos nossos leitores: agradecemos pela paciência, compreensão, carinho e apoio.  
Isso significa tudo para nós.*

*E agradecemos por sonhar com monstros-aranha. Este spin-off não seria possível sem o seu amor eterno pelos nossos vrix.*



# CAPITULO 1



O Túnel da Chama Dourada fervilhava de atividade enquanto Rekosh o percorria. Vrix, machos e fêmeas, jovens, velhos e todos os demais, conversavam, trabalhavam e brincavam. As forjas dos ourives na extremidade oposta do túnel espalhavam calor mesmo àquela distância, banhando a pedra bruta com um brilho alaranjado que tornava as sombras mais profundas, escuras e frias, mas essas sombras não representavam nenhuma ameaça. O tilintar das ferramentas e o chiado das chamas e do ouro derretido ecoavam pelas paredes, intercalando-se com as vozes dos vrix para criar uma teia sonora.

Certamente, não faltava trabalho a ser feito ali. Por decreto da Rainha Ahnset tes Ishuun'ani Ir'okari, toda Takarahl logo brilharia com toques de ouro, uma demonstração do espírito indomável de seus habitantes. De acordo com essa ordem, as Presas da Rainha - as guerreiras que serviam como guardas de elite da cidade - haviam abandonado muitos de seus pesados e impraticáveis adornos de ouro, fornecendo material abundante para os ourives reformarem.

Ahnset buscou elevar Takarahl como um todo. A prática de enriquecer apenas os mais próximos da governante da cidade havia desaparecido junto com a antiga rainha, Zurvashi.

Sob a liderança de Ahnset, Takarahl estava quase irreconhecível. Rekosh sabia que os túneis em si eram os mesmos, mas a luz parecia mais brilhante, o ar mais fresco e a pedra mais acolhedora do que nunca.

A seda pendurada nas entradas das tocas por onde Rekosh passava ondulava com o suave fluxo de ar de Takarahl. Assim como as pedras ao redor, os tecidos estavam sujos e manchados de fuligem, muito distantes das cores vibrantes que um dia tiveram. Mas pelo menos estavam inteiros.

Isso pareceu apropriado a Rekosh. Amargo, mas apropriado.

Um grupo de fêmeas estava sentado em uma alcova à frente, pintando potes de barro. Tais visões fizeram o espírito de Rekosh se encher de alegria e orgulho. Ele e seus amigos não haviam deixado Takarahl com a intenção de mudá-la para sempre, mas agora era inegavelmente diferente.

— ...não é o que ouvi — disse uma fêmea enquanto Rekosh se aproximava delas.

— Você não pode aceitar tudo o que Jiras diz como verdade — respondeu uma de suas companheiras, cujos cabelos estavam presos em uma massa de tranças finas.

— Mas lhe disseram que os seguidores *dela* permanecem em Takarahl. Eles se escondem nas câmaras funerárias, em câmaras profundas e há muito esquecidas.

— E como alguém saberia, se as câmaras estão esquecidas há muito tempo? — perguntou a fêmea com as tranças. — Como seus seguidores saberiam que deveriam se esconder ali?

Apesar da ânsia de terminar o que viera fazer ali, Rekosh diminuiu o passo, puxando o embrulho envolto em couro na mão direita inferior para mais perto do corpo. Muitos desses rumores sussurrados entre os habitantes de Takarahl tinham apenas uma tênue conexão com a verdade, mas isso não os tornava menos valiosos. Saber o que os outros vrix acreditavam era muitas vezes tão importante quanto saber o que era verdade.

– Eu não sei – disse a primeira fêmea, – mas Jiras disse que nenhum vrix vivo se aventurou tão fundo desde que a própria Rainha Takari caminhou pela cidade.

Uma terceira fêmea bufou, pousando seu pote. Tinta amarela manchava suas mãos grandes.

– Só andarilhos espirituais mergulham tão fundo, e deveríamos implorar aos Oito para garantir que aquelas coisas pálidas nunca sejam despertadas das profundezas.

– Não existem verdadeiros andarilhos espirituais abaixo de Takarahl, existem? – perguntou a segunda fêmea. – Essas eram apenas histórias que nossas mães e senhores contavam para nos fazerem comportar. Não eram?

– Não sei nada sobre andarilhos espirituais ou câmaras funerárias esquecidas – disse a última do grupo, uma fêmea maior, de pele castanho-escura e olhos verde-claros, – mas conheço Urshar, cuja irmã de ninhada, Ulkari, era uma das Presas de Zurvashi. Ela afirma que sua irmã de ninhada e os remanescentes dos seguidores de Zurvashi estão no Emaranhado, aguardando uma chance de vingar sua rainha caída.

Rekosh parou perto das fêmeas, segurando a ponta esfarrapada de um pedaço de seda pendurado na parede do túnel. Levantou o tecido desfiado como se estivesse examinando o dano causado.

Mas sua atenção permanecia na conversa das fêmeas. Tais rumores não eram novos. Haviam sido sussurrados tanto em Takarahl quanto em Kaldarak, e guerreiros de ambas as cidades estavam vigilantes nos ciclos lunares desde a queda de Zurvashi. Mas Rekosh estava longe de sua tribo - de Ahmya - agora. Mesmo em sua velocidade máxima, ele teria dificuldade para chegar a Kaldarak em menos de quatro dias.

A distância entre Rekosh e aqueles com quem ele se importava, enquanto ameaças potenciais pairavam na selva, era, na melhor das hipóteses, angustiante.

E ele sabia da Presa que acabara de ser mencionada. Ulkari. Tinha certeza de que a vira no exército de Zurvashi em Kaldarak quando a velha rainha foi morta... mas não conseguia se lembrar do seu destino.

– A Rainha Ahnset permaneceu em Takarahl todo esse tempo, nos ajudando. Por que seus inimigos a esperariam na selva se pretendem atacar? – perguntou a primeira fêmea.

– Eles são muito poucos para atacar Takarahl – respondeu a fêmea com as mãos manchadas de tinta.

– Não se diz que Ketahn entrou sorrateiramente nos aposentos privados de Zurvashi sem ser visto? Ele era apenas um – disse a fêmea de cabelo trançado.

– Mas quem mais poderia ter feito isso? Ninguém em sua Garra se igualava a Ketahn.

Rekosh soltou a seda e se virou para as fêmeas.

– É porque a Rainha Ahnset não matou Zurvashi.

Os olhares deles pousaram sobre ele, e ele reconheceu a luz intrigada em seus olhares, o interesse evidente. O aroma tênue, porém sedutor, que emanava delas só aumentava a intensidade.

Elas o desejavam.

Seus amigos humanos chamavam esses aromas *de feromônios*, que tinham a função de desencadear reações em outras criaturas. Os feromônios exalados pelas fêmeas vrix frequentemente despertavam a excitação nos machos, independentemente de seu verdadeiro interesse - mesmo que o macho desprezasse a fêmea.

E ele já sentia os primeiros sinais disso agora mesmo, para sua irritação.

– Então você realmente acredita que Zurvashi foi morta por uma daquelas... criaturas estranhas? – perguntou a fêmea com tranças.

– Eu sei que sim – ele respondeu.

– Como você poderia *saber*?

– Ele testemunhou com seus próprios oito olhos – disse a fêmea de olhos verdes enquanto colocava o pote de lado. – Eu conheço você. Você se chama Rekosh, não é? O tecelão?

Ele abaixou a cabeça e abriu os braços.

– Sou eu.

– Você é Rekosh? – perguntou a primeira fêmea, olhando-o novamente com um brilho nos olhos vermelhos. – Você é ainda mais atraente do que as histórias dizem.

O cheiro do desejo das fêmeas se intensificou, inundando seus sentidos e fazendo o calor percorrer a superfície de sua pele. Apesar de seu desinteresse, apesar de voltar toda a sua força de vontade contra os efeitos, seu coração acelerou e seu tronco pulsou atrás da fenda. Seus fechos pressionaram sutilmente, mas firmemente, para dentro, mantendo a fenda fechada.

Não era isso que ele queria, de jeito nenhum. Essas fêmeas não eram quem ele queria.

– Um dos nossos maiores guerreiros – disse a fêmea com tranças.

— E ouvi dizer que ele é muito habilidoso com seda — acrescentou a fêmea de olhos verdes com um trinado enquanto se endireitava.

Embora não se arrependesse de ter ouvido a conversa, falar com aquelas fêmeas fora um erro. Rekosh não tivera tempo de sobra para começar. Certamente não podia desperdiçar mais tempo.

E ele não tinha interesse em lutar contra esses feromônios malditos.

A fêmea com tinta nas mãos deslizou uma pata dianteira em direção a ele.

Rekosh recuou antes que ela pudesse tocá-lo e esboçou uma reverência.

— Por favor, suas palavras são muito mais gentis do que eu mereço.

Ela tagarelou baixinho.

— Lembro-me de minha irmã mais velha mencionando que costumava falar com você de vez em quando. Um belo tecelão de Moonfall... Você...

— É verdade que você é amigo da rainha? — perguntou a primeira fêmea, atraindo um olhar furioso de quem estava falando.

Ele já havia encontrado tal interesse com frequência, e sua maneira de falar, como de costume, não o detinha. Agora que participara da queda de Zurvashi, muitas fêmeas o considerariam um parceiro ainda mais desejável. Mas nenhuma delas jamais havia chamado sua atenção. Nenhuma fêmea havia despertado nele o mesmo interesse.

Não até que ele vislumbrou Ahmya pela primeira vez, a pequena, suave e delicada criatura que despertou todos os instintos protetores dentro dele, cujo cheiro despertou um desejo consumidor que ele nunca havia experimentado, cujo cada toque o fazia ansiar por mais.

Ahmya, que era a companheira de seu coração.

Ahmya, que ele não via há quase um ciclo lunar.

Forçando as mandíbulas a permanecerem em posição neutra, ele pressionou os dois antebraços, criando uma linha vertical, para sinalizar seu pedido de desculpas.

– Desculpem-me, mas preciso ir. Há assuntos importantes que preciso tratar, e já me atrasei demais.

As mandíbulas da fêmea de olhos verdes cederam.

– Você já precisa ir?

– Preciso. Talvez eu volte outro dia. Tenho certeza de que há muitas palavras que poderíamos compartilhar, muitas delas muito mais agradáveis do que falar da rainha morta.

– Você me dá sua palavra sobre isso?

Ele tagarelou e recuou um passo.

– Isso eu não posso oferecer. Não farei um voto que não possa cumprir.

*Como o voto que fiz para proteger Ahmya do mal? Aquele que falhei quase imediatamente depois?*

As fêmeas emitiram murmúrios de decepção quando ele se virou e se afastou, mas ele não diminuiu o passo, nem olhou para trás. Nem mesmo quando uma delas disse: – Será que ele está cumprindo as ordens da rainha?

– Talvez – respondeu a fêmea de olhos verdes. – Mas acredito que ele tenha parentes aqui.

– Ele tem? Quem?

Rekosh andou mais rápido, colocando distância suficiente entre ele e o grupo para garantir que suas vozes fossem abafadas pelos outros sons que ecoavam pelo amplo corredor.

As poucas informações que ele havia reunido ainda tinham algum valor. Isso compensava o desconforto, não é mesmo?

*Gostaria de poder dizer o mesmo sobre o que está por vir.*

Finalmente, ele chegou ao seu destino. Para a maioria, seria apenas uma das muitas tocas ao longo do túnel, com um pano sujo pendurado na entrada, indistinguível dos demais. Mas Rekosh temia aquele lugar.

Cada passo daquela jornada aumentava sua vontade de dar meia-volta e partir. Seus membros estavam tensos, os pelos finos de suas pernas eriçados e seu coração batia forte; escapar das fêmeas não havia aliviado sua tensão. Seu corpo reagia como se estivesse prestes a entrar em batalha.

O que ele poderia esperar realizar aqui além de atrasar seu retorno a Kaldarak e sua tribo?

Além de atrasar seu reencontro com Ahmya?

Ele ergueu o embrulho e o acariciou com o polegar. Sua maior obra estava ali. Uma criação feita com tanta paixão e maestria que quase o fez agradecer aos Oito.

Mas os deuses não tiveram participação nisso. Ahmya fora sua inspiração, seu propósito. O vestido era para ela, por causa dela, e a única coisa no mundo que superava sua beleza era a própria Ahmya.

— E ainda assim, não será o suficiente — ele disse asperamente enquanto abaixava o embrulho.

Havia causas pelas quais valia a pena lutar, pelas quais valia a pena sangrar, pelas quais valia a pena morrer. Lutar contra Zurvashi valera todo o risco e muito mais. Mas vir para este covil... não era uma causa, nobre ou não. Não era uma luta necessária. Ele não precisava estar ali.

Suas mandíbulas se contraíram ainda mais enquanto ele movia as patas traseiras para trás. Telok e Urkot o aguardavam, ansiosos para partir. Todos desejavam chegar a Kaldarak antes que Ivy desse à luz seu filhote, o que aconteceria a qualquer momento. Ele não deveria tê-los deixado esperando tanto tempo.

Quando ele começou a se virar, a cortina de seda foi puxada para fora da toca. Um vrix com manchas vermelhas opacas estava na grande abertura - um macho nem tão alto nem tão magro quanto Rekosh.

Forçando suas mandíbulas a relaxar e desejando que seus corações se acalmassem, Rekosh enfrentou o vrix mais velho.

Os olhos de Raikarn se arregalaram. Um tremor o percorreu do topo da cabeça até a ponta das pernas, e ele respirou fundo pelas narinas, trêmulo.

Os dedos de Rekosh se flexionaram. Apesar dos sons do túnel não terem diminuído, seu mundo permaneceu silencioso e imóvel até que palavras emergiram, espontaneamente, de sua garganta.

– Saudações, senhor.

Raikarn correu para a frente, levantando-se enquanto segurava as laterais do rosto de Rekosh e juntava suas cristas.

– Agradeça à Mãe da Prole, à Protetora, obrigado a todos os Oito!

A voz de seu senhor era mais fina do que Rekosh se lembrava. E embora houvesse notas antigas e familiares em seu cheiro, elas eram ofuscadas pelos cheiros persistentes de vrix, fumaça e fuligem desconhecidos.

Rekosh não conseguia decidir como se sentia em relação a tudo aquilo - ou se aquilo o fazia sentir alguma coisa. Ele lutou contra a vontade de recuar diante do toque de seu senhor.

– Quando sussurraram sobre o que a prole de Ishuun tinha feito, que você tinha fugido de Takarahl com eles, e que Zurvashi estava caçando você...

– Um rosnado fraco soou no peito de Raikarn, mais aliviado do que qualquer outra coisa. – Mas você está vivo. Você está em casa.

– Vivo, sim. – Rekosh recuou, embora seu senhor não o soltasse.

– Venha. Não precisamos falar aqui em meio a todo esse barulho. – Raikarn praticamente arrastou Rekosh para dentro da toca.

Rekosh não resistiu. Estava mais fresco dentro da toca, e os sons do túnel foram abafados assim que a grossa cortina de seda se fechou atrás dele, mas sua tensão e inquietação não diminuíram.

Raikarn soltou Rekosh e deu um passo para trás. Os dois vrix se estudaram sob o suave brilho azul dos cristais nas paredes.

– Você parece cansado – disse Raikarn, com as mandíbulas caídas.

Rekosh tagarelou.

– E você parece velho, mas eu não pretendia mencionar isso.

– Passei ciclos lunares me perguntando se você viveu, e você está brincando?

A raiva se agitou nas entranhas de Rekosh, amarga e ardente.

– Considerando tudo o que suportei ao lado dos meus amigos, eu diria que tenho mais do que o direito de brincar.

Bufando, Raikarn se virou. Seus ombros cederam e seus movimentos ficaram rígidos enquanto ele se aprofundava na toca.

– Não consigo imaginar, Rekosh. Não consigo imaginar o que você enfrentou, assim como não consigo imaginar o que sua mãe deve ter enfrentado.

O coração de Rekosh se apertou. Ele cerrou o maxilar e manteve as mandíbulas afastadas, mesmo que por pouco.

– Nem consigo entender por que, mesmo depois de tudo o que sofremos, você escolheu enfrentar o Emaranhado, os crânios de espinhos e a ira da rainha... – Raikarn se virou para Rekosh, parecendo subitamente menor e mais fraco, com a pele mais opaca. – Mas não importa. Takarahl tem uma nova rainha, nossas vidas estão um pouco melhores a cada dia, em vez de um pouco piores, e você está em casa.

— Senhor... — Rekosh balançou a cabeça. Não tinha certeza do que queria dizer, do que deveria ter dito, não por falta de palavras, mas por excesso delas. Anos de pensamentos que ele gostaria de ter expressado lutavam para sair de uma vez, tão numerosos e substanciais que formavam um nó em sua garganta.

Depois de correr tantos riscos, depois de superar tantos perigos, isso era muito difícil para ele?

— Seus irmãos ficarão emocionados em finalmente conhecê-lo — continuou Raikarn. — Tudo o que eles têm são minhas velhas histórias, e você sempre foi o melhor contador de histórias, mesmo quando criança.

*Seus irmãos.*

Rekosh imobilizou os dedos antes que pudessem apertar o embrulho com mais força. Respirou fundo, lentamente, para se acalmar.

— Não tenho certeza se seria o melhor.

Raikarn tagarelou suavemente e juntou os antebraços em um gesto de desculpas.

— Perdoe-me, Rekosh. Você viajou muito para retornar a Takarahl, se as histórias forem verdadeiras, e você... Deve estar cansado e com fome. Temos carne armazenada. Coma comigo. — Ele correu pela toca até uma prateleira cheia de potes de barro e cestos de vime.

Soltando um suspiro lento pelas narinas, Rekosh observou os arredores. Era uma toca de ninhada, espaçosa e habitada. Seda felpuda e cobertores de tecido jaziam ao longo de uma parede, onde Raikarn dormia com sua companheira, Eshkhet, e seus filhotes. Quantos anos os pequenos tinham agora? Cinco anos? Seis?

Pequenos brinquedos esculpidos em madeira e pedra ou feitos com tecido e enchimento jaziam espalhados pela câmara. Novamente, algo apertou

o coração de Rekosh, e uma dor longa e adormecida perfurou seu peito. O covil de sua juventude já havia se parecido com aquele antes...

*Não. Não agora, não aqui.*

– Onde ela colocou? – murmurou Raikarn enquanto vasculhava os recipientes na prateleira.

Rekosh olhou para o embrulho envolto em couro em suas mãos inferiores.

– Vim com um propósito, senhor.

– Claro que sim – respondeu Raikarn distraidamente. – Os fios do destino estavam emaranhados, mas finalmente o trouxeram de volta ao seu devido lugar.

As mandíbulas de Rekosh quase se fecharam. Ele não desviou o olhar do embrulho, não imediatamente, e sua mente se encheu com a imagem do que ele continha.

O vestido que ele havia tecido para Ahmya. A obra mais bela que ele já havia produzido. Quando se tratava deste vestido, os fios do destino não haviam se emaranhado. Eles haviam sido tecidos - delicadamente, intrincadamente, magistralmente. E eles guiaram suas mãos neste trabalho.

– Ah, eles me trouxeram para onde eu pertenço. Eu finalmente sei – disse Rekosh suavemente.

Raikarn abriu um jarro e o inclinou em direção ao cristal mais próximo, estreitando os olhos enquanto olhava para dentro.

– Tivemos nossos desentendimentos, mas eu sempre soube que um dia você entenderia.

Quando Rekosh ergueu os olhos, seu olhar não recaiu sobre seu senhor, mas sobre a larga laje de pedra esculpida em uma alcova na parede oposta. As ferramentas e os materiais dispostos sobre ela pertenciam a um ourives.

Adornos e joias em vários estágios de acabamento também estavam lá, muitos deles exibindo detalhes e desenhos elaborados.

Ele não pôde deixar de notar que muitas das ferramentas do lado direito eram iguais às do lado esquerdo, só que maiores. Do tamanho de mãos femininas.

Feito sob medida para Eshkhet, o ourives que Raikarn havia tomado como companheira dez anos antes.

Nada naquele covil sugeria a vida que Raikarn deixara para trás. Nada naquele covil sugeria que ele já tivesse realizado um trabalho diferente, que tivesse tido uma companheira diferente, que tivesse sido pai de uma ninhada diferente. Nenhuma agulha e linha, nenhum tear, nenhuma ferramenta para costurar ou tecer. Nenhum pedaço de madeira sendo lentamente moldado em clavas ou cabos de lança pelas mãos de um guerreiro experiente, nenhum fragmento de rocha negra para dar a essas armas sua mordida. Nenhum dos brinquedos que haviam sido os favoritos dos irmãos de ninhada de Rekosh ocupava um lugar de honra nas muitas prateleiras.

Nenhuma das primeiras tentativas de Rekosh de adornar tecidos estava na parede, exibida com o orgulho que um pai sente pelos esforços de seu filhote.

Era como se a mãe de Rekosh, Loshei, e seus irmãos descendentes nunca tivessem existido.

Como se Rekosh nunca tivesse existido.

— Eu entendo — disse Rekosh.

*Espero apenas que um dia você também entenda.*

Rekosh cuidadosamente colocou o vestido enrolado debaixo do braço. Ele viera ali para mostrar a obra ao seu senhor, mas pensar que havia a mínima chance de ter um efeito positivo em Raikarn fora tolice. Nada jamais poderia

ser como antes. Seu senhor havia encontrado alguém para viver e trabalhar ao lado, alguém para preencher o vazio em seu coração de uma forma que Rekosh nunca poderia ter feito.

Raikarn cobriu uma cesta com um pano e se endireitou, olhando para Rekosh.

– Talvez devêssemos esperar por Eshkhet. Ela deve retornar com os filhotes em breve, e poderemos todos comer juntos.

Palavras ásperas ardiam como veneno na ponta da língua de Rekosh, mas ele as conteve.

– Não, senhor.

– Não? – Raikarn inclinou a cabeça. – Tem mais alguma coisa para fazer?

– Tenho muito que viajar antes do pôr do sol.

– Muito longe para viajar? – As pontas das pernas de Raikarn raspavam o chão enquanto ele se aproximava. – Você acabou de chegar, Rekosh. Se ainda mantém seu covil no Túnel do Caído da Lua, não será uma jornada angustiante para alcançá-lo.

– Estou em Kaldarak. Com a minha tribo.

As mandíbulas de Raikarn se abriram e os pelos finos de suas pernas se arrepiaram.

– Rekosh, isto...

– Não vim para discutir, senhor – disse Rekosh com firmeza, endireitando-se completamente. Raiva e tristeza o atormentavam. – Nossos fios se separaram há muito tempo, e ambos fomos tolos em não admitir isso. O senhor tem um lugar aqui. O meu lugar é em outro lugar.

– Você veio dizer isso? Dizer... Dizer o quê, Rekosh? Que não quer mais nada comigo, com a sua família?

Rekosh sibilou, com as mandíbulas abertas.

– Minha família está em Kaldarak. Não aqui.

Ele enfatizou a última palavra batendo a perna no chão.

Raikarn deu um soco no próprio peito.

– Você é do meu sangue!

– E isso importa? – perguntou Rekosh, caminhando em direção ao seu senhor. – Quando eu mais precisei de você, quando meu mundo desmoronou, onde você estava?

Raikarn encontrou Rekosh de frente, seus peitos quase se chocando.

– Eu nunca te abandonei.

Um rosnado áspero escapou da garganta de Rekosh.

– Mas você fez, senhor. Aqui. – Ele bateu com o nó dos dedos no peito de Raikarn, sobre o coração.

– Meu mundo também se desfez – disse Raikarn com as presas à mostra.

– No entanto, em vez de se apegar aos parentes que lhe restam, você deixou seus corações e mente se afastarem.

– Eu nunca...

– Poupe-me. Não tenho desejo de ouvir suas justificativas. – Cerrando o maxilar, Rekosh percorreu o covil com o olhar, com todas as evidências da vida, da família, que seu senhor havia construído ali. – Vim me despedir. Você reencontrou a alegria e o propósito, e eu não vou atrapalhar isso. Conte-se em saber que encontrei o meu em outro lugar e que isso seja o fim.

Seus olhares se encontraram e se mantiveram. Emoções indizíveis giravam nos olhos de Raikarn, que serviam como espelhos para a turbulência em Rekosh.

Não era isso que ele queria. Não era o que ele esperava.

Mas era exatamente o que ele esperava, não era?

— Eu conheço essa luz nos seus olhos, Rekosh — disse Raikarn, com a voz embargada e a postura murcha. — Você não se deixará abalar. Por tudo o que fiz ou deixei de fazer...

Raikarn estremeceu, as mandíbulas se contraindo. Quando estendeu a mão para o rosto de Rekosh novamente, Rekosh não se afastou. As cristas de suas cabeças se tocaram suavemente, e os dedos de Raikarn se contraíram na pele de Rekosh.

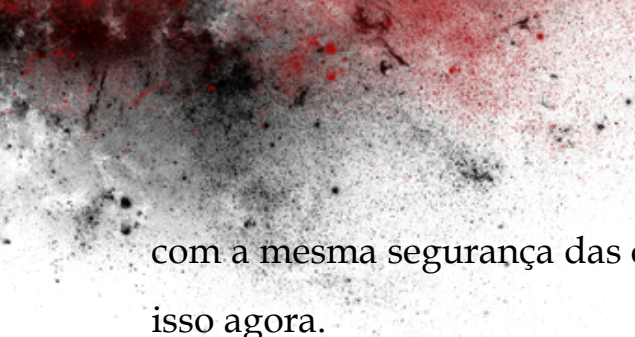
— Não permitirei que nos separemos com ódio, meu filho. Não permitirei que meu orgulho me cegue para as feridas que lhe causei. Sinto muito, Rekosh. Pela dor que lhe causei, pelos meus fracassos, sinto muito. Rezo para que encontre em seus corações a força para me perdoar. Mas se não o fizerem... saiba que não o amo menos por isso.

— Que seus olhos óctuplos olhem para você favoravelmente, Rekosh. Meu coração se enche de orgulho por você, e o espírito de sua mãe canta junto com ele.

Um tremor percorreu Rekosh. Ele fechou os olhos com força, como se a escuridão por trás de suas pálpebras pudesse, de alguma forma, banir seus sentimentos tumultuados. Como se pudesse acalmar a tempestade que o assolava.

— Fique bem, senhor — Rekosh sussurrou antes de se afastar. Ele não olhou para trás enquanto saía da toca, embora sentisse o olhar de Raikarn em suas costas até passar pela entrada.

Ele não prestou atenção aos vrix pelos quais passava enquanto caminhava pelo Túnel da Chama Dourada - nem às suas aparências, posturas ou conversas. Durante a maior parte da vida, ele fora fascinado por fofocas e rumores, por vasculhar as informações intermináveis que fluíam por Takarahl



com a mesma segurança das correntes de ar, mas não tinha interesse em fazer isso agora.

Seu lugar não era ali em Takarahl. Talvez não tivesse sido por muito mais tempo do que ele gostaria de admitir.

Seu lugar, seu lar, era em Kaldarak. Ele só precisava reivindicá-lo. Ele só precisava encontrar a ousadia para se declarar.

Para reivindicar Ahmya como sua.



# CAPITULO 2



O Covil dos Espíritos era há muito tempo um local sagrado para os vrix de Takarahl. Dizia-se que os espíritos de seus ancestrais residiam nos brilhantes cristais azuis que dominavam a caverna, infundindo-lhe a sabedoria e a força de incontáveis gerações. Supostamente, o poder e a influência dos deuses podiam ser sentidos com mais pureza ali.

Rekosh não sentiu nada disso enquanto atravessava a enorme câmara.

A luz do sol penetrava por uma fresta no teto, bem alto, e atingia os cristais abaixo, refletindo-se inúmeras vezes, preenchendo o espaço com uma luz brilhante e cintilante. Onde não havia cristais nas paredes, entalhes intrincados de eras passadas cobriam a pedra, retratando histórias da história de Takarahl desde a época da fundadora da cidade, a Rainha Takari.

Rekosh sempre encontrou beleza ali, embora isso nunca o tenha motivado a rezar ou oferecer agradecimentos sinceros aos deuses.

Mas agora parecia diferente. Estava mais limpo, mais claro. Mais calmo.

Ajudou o fato de a imensa estátua que Zurvashi estava construindo para se imortalizar em pedra ter sido demolida. Esse material estava sendo usado para criar novas esculturas em homenagem aos verdadeiros heróis de Takarahl.

Foi outra maneira pela qual a sombra da antiga rainha foi retirada da cidade.

Vários vrix estavam presentes. Alguns estudavam as esculturas, outros prestavam reverência aos Oito e alguns poucos se aqueciam ao sol.

Rekosh concentrou sua atenção no estrado de pedra no centro da caverna. Seus amigos o aguardavam lá.

Urkot estava reclinado na beirada do nível mais baixo, com as três mãos apoiadas na superfície de pedra. A luz refletida pelos cristais intensificava o contraste entre suas marcas azuis e sua pele negra, e destacava ainda mais a grande cicatriz em seu lado esquerdo, onde seu antebraço havia sido completamente arrancado.

Telok estava por perto, encostado em um pilar esculpido, com os braços cruzados sobre o peito, exceto um, no qual segurava sua lança farpada. Durante o reinado de Zurvashi, armas de qualquer tipo eram proibidas no Covil dos Espíritos, exceto aquelas carregadas por suas Presas e Garras. O decreto surgira do medo que Zurvashi carregava em seu coração - um medo de que os vrix que ela governava se levantassem contra ela.

Ahnset havia revogado essa regra, incentivando a confiança em vez do medo.

Não é de surpreender que Telok, sempre o caçador alerta, tenha encontrado um dos poucos lugares na caverna onde as sombras eram intactas, deixando seus olhos verdes e marcas brilhando fracamente na relativa escuridão.

Uma bolsa carregada de suprimentos estava pendurada em seu ombro, e um par de bolsas semelhantes, cada uma com uma lança, estava ao lado de Urkot no estrado. Um conjunto era dele, o outro de Rekosh.

As mandíbulas de Telok se contraíram com clara agitação quando seus olhos pousaram em Rekosh.

Juntando os antebraços, lado a lado, em sinal de desculpas, Rekosh atravessou apressadamente os últimos trechos para alcançar os amigos.

– Eu me perdi navegando pelos túneis.

Telok zombou.

Urkot bateu a perna no chão.

– Receei que você tivesse furado o dedo costurando e correu para os oradores espirituais em busca de ajuda.

– Você deveria ter passado um fio para marcar seu caminho – disse Telok com sua voz áspera e rouca.

– Divertidos como sempre, meus amigos. – Rekosh estendeu as patas dianteiras, roçando uma na perna de Telok e a outra na de Urkot. Os pelos finos de suas pernas captaram os aromas familiares dos amigos - um com um toque de selva, o outro de pedra. – Ainda assim, não consigo deixar de me perguntar se não deveria ter demorado mais.

– Por quê? – perguntou Urkot com um grunhido. – Ansioso para que Telok te espanque e te arraste para fora de Takarahl pelos cabelos?

Rekosh tagarelou e agarrou sua bolsa, arrastando-a até a beirada do estrado.

– Não. Porque isso daria a vocês dois mais tempo para inventar insultos que tivessem algum impacto.

– Terei prazer em lhe mostrar alguma coisa para morder, Rekosh, se você demorar mais – respondeu Telok estalando as presas de sua mandíbula.

Abrindo a bolsa, Rekosh enfiou a mão lá dentro e mexeu no conteúdo para abrir espaço.

– Para um caçador tão habilidoso, você certamente não tem paciência.

Telok bufou.

– Tenho paciência de sobra. Simplesmente me recuso a ter mais paciência com você.

– Então temo que nossa jornada possa parecer oito vezes mais longa para você. – Rekosh guardou cuidadosamente o vestido embrulhado em sua bolsa.

Urkot inclinou o queixo em direção à coisa.

– Você mostrou a ele?

– Foi por isso que fui ao seu covil, Urkot.

– Isso não responde à minha pergunta, Rekosh.

Com um chiado, Telok bateu a ponta da lança no chão.

– Você está preso aí, tecelão.

– Vocês precisarão de uma rede muito mais apertada para me capturar, meus amigos. – Rekosh fechou a bolsa e amarrou a nó. Embora não pretendesse dizer mais nada, as palavras saíram mesmo assim. – Mas não. Ele... A oportunidade não surgiu.

Urkot suspirou e bateu a pata traseira no traseiro de Rekosh.

– Escondido trabalhando nisso por dias, e você nem conseguiu mostrar para o seu senhor?

Com as mandíbulas se contraindo, Rekosh agarrou sua bolsa e a pendurou sobre a cabeça e o ombro. – Você está enganado, crânio de pedra.

– De que maneira, pernas de agulha?

– Não é para ele, e eu não estava escondido enquanto trabalhava nisso.

– Entrei em sua toca oito vezes nos últimos dias, e Telok... – Urkot inclinou a cabeça em direção ao amigo, – disse que fez isso mais seis vezes, mas você nem uma vez notou nossa presença.

– De fato – disse Telok categoricamente.

— Eu sabia da sua presença — respondeu Rekosh. — Simplesmente escolhi manter o foco no meu trabalho.

Pelo jeito como os outros o olhavam, eles não acreditavam em sua afirmação, assim como ele próprio. Sabiam que ele estava completamente perdido na tarefa... e ele também.

— Você já comeu alguma coisa desde que começou? — perguntou Urkot.

Rekosh soltou um suspiro pesado e virou a palma da mão para cima.

— Já comi o suficiente. Minha concentração era tanta que não senti necessidade de comer mais.

Urkot se endireitou e deslizou para fora do estrado.

— Então você passou fome e se escondeu na sua toca. Podia muito bem ter feito isso em Kaldarak.

— Não tenho todas as minhas ferramentas em Kaldarak.

Telok raspou inquieto a ponta da perna no chão.

— Você tem todas as ferramentas de que precisa aí.

Com um rosnado baixo, Rekosh gesticulou para sua bolsa.

— Esta é a mais bela peça de tecelagem já feita por Takarahl. Não tem igual. Nem aqui, nem ali. Não poderia ser feita com qualquer ferramenta. Mas a minha. E quando eu o entregar a Ahmya, todos saberão que tanto a beleza dela quanto a do seu companheiro são incomparáveis.

Urkot tagarelou.

— Você não é o companheiro dela.

— Ainda assim — corrigiu Rekosh.

— E você não é incomparável — acrescentou Telok.

Rekosh se endireitou, endireitando os ombros.

— Diga-me quem é melhor no tear.

Com as mandíbulas se erguendo no que os humanos chamavam de sorriso, Urkot disse: – Ketahn é seu igual, pelo menos.

– Ketahn está fora de prática há anos, mas não que a prática faça diferença. É um insulto que qualquer um de vocês sequer pense na possibilidade de ele ser meu igual.

Telok estalou as presas.

– Não acredito que ele concordaria.

Rekosh bufou.

– Porque o orgulho dele supera a honestidade.

– Ele também é seu igual em seu foco inabalável nessa rivalidade que vocês dois reacenderam – disse Urkot.

– Foco não é a palavra que você quer dizer, Urkot – disse Telok. – É obsessão.

Apoiando as mãos nas laterais do corpo, Rekosh lançou um olhar furioso para Telok.

– Não, é *paixão*. Talvez você encontre um pouco da sua um dia.

– Ainda estou disposto a morder, Rekosh.

– Ah, mas você não vai. – Rekosh ergueu as mandíbulas. – Um ferimento só nos atrasaria ainda mais.

– Não vou me conter porque isso nos atrasaria, mas porque seus gemidos agonizantes ao longo do caminho me levariam à loucura.

Urkot cruzou os antebraços no sinal do oito - um gesto incompleto, considerando a ausência do braço.

– Oito nos protege disso. Não sobreviveríamos à jornada.

– No entanto, se confiássemos em Telok para falar conosco, morreríamos de tédio – disse Rekosh.

Com um aceno de mão desdenhoso, o caçador disse: — Seria menos doloroso.

— Quando foi que algum de nós foi dissuadido pela dor, Telok?

— Além de agora?

— Você realmente pretende oferecer o vestido para Ahmya quando retornarmos? — perguntou Urkot, a seriedade em seu tom quebrando a diversão de Rekosh.

— Eu pretendo.

Novamente, Urkot tagarelou, uma luz alegre dançando em seus olhos azuis.

— Para que serve isso, crânio de pedra? O que te diverte? — perguntou Rekosh.

— A ideia da pequena Ahmya vestida com sua seda, tão fina e elegante, mas com aquelas grandes coberturas pretas para os pés que todos os humanos usam.

— *Botas* — sibilou Rekosh em inglês. — São chamadas de botas.

— Sim, essas. *Bots*. Sempre cobertas de lama. Sua seda ficará radiante comparada a elas.

As mandíbulas de Rekosh caíram. A brincadeira era clara na voz de Urkot, mas ele não estava errado. Botas eram proteções resistentes para os pés que protegiam os pés macios dos humanos de inúmeros perigos na jornada pela natureza áspera entre Takarahl e Kaldarak. Elas eram úteis.

Mas não eram elegantes, graciosas ou lisonjeiras. Contrastariam completamente com o vestido que Rekosh havia feito.

E no caso de Ahmya, eram grandes demais. Quantas vezes, durante suas viagens, uma bota havia escorregado de um de seus delicados pés? Se ele ia

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tiffany Roberts The Vrix #1 The Weaver" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).